



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

ISADORA SPERA NUNES

**COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL NO CONTEXTO JURÍDICO: AS
REVELAÇÕES DA LINGUAGEM SILENCIOSA DO CORPO ATRAVÉS DAS
EMOÇÕES**

**Assis/SP
2019**



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

ISADORA SPERA NUNES

**COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL NO CONTEXTO JURÍDICO: AS
REVELAÇÕES DA LINGUAGEM SILENCIOSA DO CORPO ATRAVÉS DAS
EMOÇÕES**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Direito do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e a Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito parcial à obtenção do Certificado de Conclusão.

Orientando(a): Isadora Spera Nunes

Orientador(a): Lívia Maria Turra Basseto

**Assis/SP
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

N972c NUNES, Isadora Spera

Comunicação verbal no contexto jurídico: as revelações da linguagem silenciosa do corpo através das emoções / Isadora Spera Nunes. – Assis, 2019.

61p.

Trabalho de conclusão do curso (Direito). – Fundação Educacional do Município de Assis-FEMA

Orientadora: Dra. Livia Maria Turra Basseto

1.Linguagem corporal 2.Comunicação não verbal

CDD: 410
Biblioteca da FEMA

**COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL NO CONTEXTO JURÍDICO: A
LINGUAGEM SILENCIOSA DO CORPO E SUAS REVELAÇÕES ATRAVÉS
DAS EMOÇÕES**

ISADORA SPERA NUNES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, como requisito do Curso de Graduação, avaliado pela seguinte comissão examinadora:

Orientador: _____
Prof^a Dr^a Lívia Maria Turra Basseto

Examinador: _____

Assis/SP
2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho Àquele que sempre me ampara e me concede sabedoria, à minha família e ao meu namorado que estão sempre ao meu lado me apoiando, e incentivando minha trilha em busca das minhas conquistas. A eles dedico mais este ciclo que conluo em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a professora e orientadora Livia Maria Turra Basseto por toda orientação, paciência e atenção dados a mim afim de que eu pudesse concluir esse trabalho da forma que idealizei.

Agradeço aos meus pais por todo apoio e por me ampararem para que eu caminhasse até aqui, e aos meus irmãos, a eles devo esta conquista concluindo mais uma etapa em minha vida.

Agradeço ao meu namorado Felipe, por toda a paciência, amor e incentivo durante todo esse processo.

Por último, agradeço especialmente a todos os meus professores que de alguma forma contribuíram com a minha evolução durante os cinco anos. Deixo aqui minha profunda admiração, respeito e agradecimento a todos.

“Ele que tem olhos de ver e ouvidos de ouvir vai se convencer de que nenhum mortal é capaz de guardar segredo. Se os lábios estiverem em silêncio, ele vai tagarelar com a ponta dos dedos, traição exsuda por todos os poros. ” - Sigmund Freud

RESUMO

Este trabalho pretende promover a valorização da linguagem corporal, forma de comunicação não verbal, quando inserida no contexto jurídico, no qual possui pouco prestígio quando comparada a comunicação verbal. Pretende-se estudar a comunicação humana, analisando suas bases e manifestações, as emoções humanas e a forma como se manifestam através da linguagem do corpo nos revelando informações importantes acerca daquele com quem interagimos. Por fim, busca-se relacionar o estudo da comunicação não verbal, mais precisamente da linguagem corporal, ao Direito, com a finalidade de demonstrar qual a importância dessa relação, promovendo a discussão a respeito do tema e a consequente reflexão sobre o assunto. Com este trabalho conclui-se a importância da contribuição da linguagem corporal ao universo jurídico quando analisada sob diversos aspectos.

Palavras-chave: Contexto jurídico; comunicação não verbal; linguagem corporal.

ABSTRACT

This work aims to promote the appreciation of body language, a form of nonverbal communication, when inserted in the legal context, in which it has little prestige when compared to verbal communication. It is intended to study human communication, analyzing its bases and manifestations, human emotions and the way they manifest themselves through body language revealing important information about the one with whom we interact. Finally, we seek to relate the study of nonverbal communication, more precisely body language, to law, in order to demonstrate the importance of this relationship, promoting discussion and the consequent reflection on the subject. This work concludes the importance of the contribution of body language to the legal universe when analyzed under various aspects.

Keywords: Legal context; nonverbal communication; body language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Bettye Shirley.....	30
Figura 2: Maxine Kenny.....	32
Figura 3: Dois homens surpresos com a queda de uma moça do prédio.....	34
Figura 4: Jack Ruby atirando em Lee Harvey Oswald.....	35
Figura 5: Homem habitante da tribo “fore”, localizada em Papua Nova Guiné.....	37
Figura 6: Expressão de desprezo.....	39
Figura 7: Loretta Stirm e seus filhos recebendo o tenente-coronel Robert Stirm recém liberto do campo de prisioneiros de guerra no Vietnã.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TRT	Tribunal Regional Do Trabalho
FACS	Facial Action Coding System
CPC	Codigo De Processo Civil
FSI	Foreing Service Institute
TSA	Transportation Security Administration
SPOT	Screening Passenger By Observational Techniques
AUS	Action Units
MVS	Movements
GBS	Gross Behavior Codes
VCS	Visibility Codes

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A COMUNICAÇÃO HUMANA.....	14
2.1. A LINGUAGEM VERBAL E A LINGUAGEM NÃO VERBAL.....	15
2.2. OS TIPOS DE LINGUAGEM NÃO VERBAL.....	18
2.3. A LINGUAGEM SILENCIOSA DO CORPO: A CINÉSICA COMO TIPO FUNDAMENTAL DE LINGUAGEM NÃO VERBAL.....	19
2.4. AS EXPRESSÕES FACIAIS COMO MEIO DE EXTERIORIZAÇÃO DAS EMOÇÕES	23
2.5. A UNIVERSALIDADE DAS EMOÇÕES POR MEIO DAS CULTURAS ...	25
2.6. AS EMOÇÕES UNIVERSAIS	29
2.6.1. Tristeza.....	29
2.6.2. Raiva	31
2.6.3. Surpresa.....	33
2.6.4. Medo.....	35
2.6.5. Aversão	36
2.6.6. Desprezo	38
2.6.7. Alegria.....	40
3. A INTERAÇÃO DA LINGUAGEM CORPORAL NO CONTEXTO JURÍDICO	42
3.1. AS MICROEXPRESSÕES E A DETECÇÃO DA MENTIRA NO CONTEXTO JURÍDICO.....	44
3.2. OUTRAS ABORDAGENS ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO DA LINGUAGEM CORPORAL AO CONTEXTO JURÍDICO.....	48
4. APLICAÇÃO PRÁTICA DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM CORPORAL 54	
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
6. REFERÊNCIAS.....	60

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo o estudo da linguagem corporal, como forma de comunicação verbal e suas contribuições dentro do contexto jurídico.

Ao abordar o tema da comunicação, pretende-se demonstrar a importância da mesma como um todo, em razão do fato de sermos seres comunicativos por natureza. A comunicação faz parte de nossa essência, inclusive por sermos seres sociais.

Analisando a comunicação, enfatizaremos a comunicação não verbal, não tão explorada por muitos de nós em razão da valorização da comunicação verbal em nossa cultura, mas que, no entanto, nos tem muito a dizer principalmente quando inserida nesse contexto.

O primeiro capítulo abordará a comunicação humana, seus tipos, sua importância, quais as emoções existentes e como se expressam através da comunicação não verbal, se revelando em nosso corpo e em nossa face, dizendo inclusive aquilo que desejamos esconder.

O segundo capítulo irá tratar acerca da comunicação não verbal, e como a linguagem corporal pode contribuir ao Direito quando inserida no contexto jurídico.

O terceiro capítulo demonstrará através de casos concretos no Brasil e no exterior, como nos Estados Unidos, a aplicabilidade prática desses estudos dentro deste contexto.

2. A COMUNICAÇÃO HUMANA

Dominando ou não suas técnicas, tendo amplo ou restrito conhecimento a respeito, a linguagem é parte do que é ser humano e a utilizamos, de maneira consciente ou não, com uma finalidade que é inerente a nossas vidas: a da comunicação, sem a qual não sobreviveríamos.

Isso por que, devido ao fato de ser o homem um ser social, somos seres essencialmente comunicativos, já que além de estarmos rodeados pelo meio ambiente físico, vivemos em um meio social composto por diversas pessoas com as quais mantemos relações interpessoais.

Conclui-se, portanto, que a comunicação além de ser uma necessidade básica do homem como ser social, não existe isoladamente sendo possível separá-la da vida em sociedade, de forma que elas se completam, se misturam, não existindo uma sem a outra.

Desde tempos imemoriais, o homem se utilizando da linguagem como uma ferramenta que ele mesmo criou através da sua própria inteligência, se comunica com o objetivo de facilitar a compreensão entre as pessoas. Não se sabe exatamente qual foi o início em que se deu essa comunicação, de qual maneira ao certo os homens primitivos começaram a se interagir através da mesma, se ela se deu através de gestos ou de gritos e grunhidos, ou se por ambos.

Independentemente de como se deu esse início o que se ressalta é o fato de homem ter encontrado uma maneira de associar um gesto ou som à uma ação ou a algum objeto, dando à luz assim ao signo, que composto por dois aspectos, o significado e o significante, nada mais é do que, de uma forma simplificada, a associação de uma coisa qualquer à uma outra coisa ou ideia.

Entretanto, como se pode perceber, ao longo dos milhares de anos que levou nossa espécie para evoluir, a própria natureza se encarregou de preparar o homem para a comunicação, observando que ela nos proporcionou órgãos capazes de produzir os signos e também órgãos com capacidade de recebe-los e interpretá-los. De tal maneira perfeita que:

“A boca humana é capaz de produzir sons, e o ouvido pode captar e distinguir milhares dessas combinações. O rosto, os olhos e as mãos podem mover-se de mil maneiras para criar gestos expressivos. E os olhos podem captar esses movimentos, distingui-los e combina-los. E por trás de tudo isso está o cérebro humano, computador de infinita sutileza, que recebe os sons, os movimentos e as luzes combinando-os e, apelando à memória de milhões de experiências prévias, interpreta o que esses estímulos representam para a pessoa.”

Em suma, a criação dos signos e a atribuição de significados a eles é tão importante que de acordo com Bordenave em sua obra “O que é a comunicação”, essa atribuição é base da comunicação em geral e da linguagem (BORDENAVE,2004).

Neste sentido, alude-se a gramática, grande e importante invenção humana, que se traduz em um conjunto de regras que relacionam os signos entre si. Regras estas que surgiram da necessidade de que, em razão da variedade de signos existentes e a possibilidade das diversas combinações entre eles poderiam por fim dificultar a comunicação ao invés de facilitá-la, atingindo objetivo diverso do almejado que seria a facilitação da comunicação.

Sendo assim, conseqüentemente, o homem possuidor de signos e combinações entre eles, criou a linguagem, e além dela os modos de usá-la dando funções as palavras, já que para a obtenção do significado não depende apenas da existência dos signos, mas de toda uma estrutura para a apresentação destes.

2.1. A LINGUAGEM VERBAL E A LINGUAGEM NÃO VERBAL

É sabido que desde tempos remotos o homem desenvolveu a linguagem e se utiliza dela como meio de se comunicar afim de facilitar as relações interpessoais, principalmente devido ao fato de se encontrarem inseridas em um contexto social. Todos sabemos a importância da linguagem e, como já ressaltado, que ela é fundamental para a vida do ser humano.

Dessa forma, é indiscutível a necessidade e relevância da linguagem para o ser humano. No entanto, a naturalidade com que nos utilizamos dela nos faz perder a sensibilidade do quanto ela é fascinante, e que possibilita por exemplo que um professor narre uma história, trazendo de volta toda uma civilização antiga, ou uma literatura que instiga e aflora a imaginação, permitindo que ele transmita todo seu conhecimento. Só nos damos conta de

sua essencial importância quando por determinado motivo ficamos impossibilitados de nos comunicar, já que isso se dá de forma tão natural e consciente quanto respiramos.

E é através do que chamamos de linguagem e das suas mais variadas formas que se dá a comunicação. No início através de sons e gestos que faziam os homens primitivos, passando pelos desenhos rupestres e primeiros escritos nas paredes das cavernas feitos por determinados povos e assim por anos e anos até chegarmos na escrita propriamente como a utilizamos hoje: um conjunto de símbolos, os signos criados pelo homem que quando combinados transmitem a mensagem que desejamos passar.

A fim de facilitar o entendimento das bases em que se fundamenta o presente trabalho e direcioná-lo ao objetivo principal do mesmo, se faz a classificação dessa linguagem em: linguagem verbal e linguagem não verbal.

De tal maneira, a linguagem verbal, veículo de comunicação social, é aquela que se dá através da emissão de sons ou da escrita, de forma mais objetiva, em que procuramos expressar nossos pensamentos, ideias e fatos de forma clara, ou seja, é uma exteriorização daquilo que desejamos transmitir. Ela é a materialização do pensamento, de tal maneira que expressa a visão de mundo daquele que fala, do interlocutor da mensagem, refletindo sua realidade social, histórica e cultural.

Esse tipo de linguagem pode ser, superficialmente dizendo, aquela que se dá por uma comunicação “face a face” pelo o que chamamos relação interpessoal, através de códigos de comunicação audíveis e sensíveis.

E, portanto, é evidente a valorização desse tipo de linguagem no mundo jurídico, já que são consideradas como provas em nosso ordenamento jurídico, o depoimento da vítima, a oitiva das testemunhas, a confissão do acusado, as provas documentais, entre outras, todas provenientes da linguagem verbal, seja ela escrita ou falada.

No entanto, essa linguagem verbal, principalmente pelo fato de ser uma expressão daquilo que escolhemos transmitir, na maioria das vezes não revela por completo a realidade dos pensamentos do emissor da mensagem, indo ao encontro daquela que chamamos linguagem não verbal.

Em um conceito raso, porém objetivo, pode-se resumir que a comunicação não verbal é aquela que engloba todas as formas de se comunicar, em que o emissor consiga atingir

seu objetivo que é a transmissão da mensagem ao receptor, que não seja expressado através de palavras.

Para isso é indispensável compreender que a comunicação não se resume apenas nas verbal, já que ao nascer não utilizamos a linguagem “falada”, demonstrando, portanto, nossas necessidades e vontades através de gestos, do choro e outros meios de comunicação não verbal.

Muitas vezes o que a palavra não nos diz, as mãos, os olhares, os movimentos corporais no geral nos comunicam. Em determinados momentos inclusive o silêncio pode comunicar e transmitir muito mais do que qualquer palavra.

Maria Julia Paes da Silva em sua obra “Comunicação tem remédio”, apresenta uma estimativa com base em estudos realizados sobre a comunicação não verbal onde expõe que apenas 7% dos pensamentos, ou seja, das intenções propriamente ditas, são transmitidas por palavras. 38% são transmitidos por sinais paralinguísticos, que representam o tom da voz, a forma e velocidade que são ditas as palavras, e 55% pelos sinais corporais (SILVA, 2008).

Sendo assim, pode-se dizer e estudiosos afirmam que é impossível não comunicar, já que tudo possui algum significado, tudo comunica. Os movimentos do corpo, a roupa que vestimos, suas cores, tatuagens, a maneira de olhar, de arquear as sobrancelhas, o tom da voz, todos esses sinais não verbais estão presentes nas respostas humanas implicando em comunicação e isso desde o momento de nosso nascimento até a nossa morte.

Sendo válido ressaltar que nossos primeiros atos de comunicação se dão de maneira não verbal, já que como referido, ao nascer não utilizamos a linguagem verbal, nos comunicando exclusivamente através da linguagem não verbal e seus desdobramentos.

Entretanto, nos dias em que vivemos, era de globalização com a conseqüente disseminação instantânea de informações pelo mundo todo através da televisão, rádio, e principalmente as redes sociais, entre outros, damos maior relevância a esses meios de comunicação social como forma de comunicação, em virtude do poder e importância que possuem esses meios em nosso cotidiano, de forma que na maior parte do tempo esquecemos que na realidade eles representam apenas um pequeno fragmento de nossa total comunicação.

E é tendo por base tais fatos a respeito da valorização da linguagem verbal em nosso dia a dia, com enfoque dessa valorização no contexto jurídico em contraponto com a desvalorização da linguagem não verbal nesse mesmo contexto, que se aprofunda o presente trabalho, voltando os olhos à importância da linguagem não verbal na busca da verdade real, tendo em vista aprofundar e ampliar o conhecimento nessa área afim de se obtenha um processo mais justo e a consequente persecução da justiça.

2.2. OS TIPOS DE LINGUAGEM NÃO VERBAL

Como já mencionado anteriormente, a linguagem não verbal, apesar de ser um assunto pouco ou nada abordado em nosso cotidiano está inevitavelmente incorporada em nossas vidas. Ela é tudo aquilo que pode significar, mas que não é expressada com palavras.

Afim de se facilitar o presente estudo, faz-se uma classificação dessa comunicação não verbal em: paralinguagem, proxêmica, tacêsica, características físicas, fatores do meio ambiente, e cinésica.

No caso da paralinguagem, podemos defini-la como os sons produzidos pelo nosso aparelho fonador que não faça parte do conjunto sonoro utilizado pela nossa língua. As variações em nossa voz, ruídos, grunhidos, a intensidade e entonação, hesitação, suspiro, etc., são sinais paralinguísticos que demonstram sentimentos, emoções e que mesmo que na ausência de palavras nos revelam traços da personalidade de cada indivíduo e sua maneira de se relacionar com os outros indivíduos, e através deles podemos demonstrar uma negação a determinada coisa, pessoa ou fato, ou aceitação.

Já a proxêmica é a relação do homem com o espaço associada a comunicação. Por exemplo a distância mantida entre os indivíduos no momento da comunicação, esse espaço que pode ser de maior ou menor proximidade pode indicar o tipo de relação que se estabelece entre os interlocutores traduzindo sentimentos de superioridade, de afinidade, simpatia, status, entre outros.

A tacêsica é aquela relacionada à comunicação tátil, ou seja, a comunicação através do toque. Muito comum e discutida principalmente nas áreas associadas a saúde, esse tipo de comunicação leva em consideração a maneira e o lugar em que se dá o toque, a sua

pressão, o sexo das pessoas envolvidas nessa comunicação além do meio em que estão inseridas, ou seja, o espaço.

Ao que se refere as características físicas, seria a aparência dos indivíduos propriamente dita. A aparência de uma pessoa comunica diversas informações sobre ela: seu sexo, sua faixa etária, sua origem social etc. Além disso, as roupas, tatuagens, joias, os objetos em geral utilizados pela pessoa também comunicam muito sobre ela, como por exemplo o tipo de carro que possui representando determinado status, se possui aliança de casamento, ou um anel de graduação.

Os fatores do meio ambiente fazem menção ao próprio ambiente em que o indivíduo que se comunica está inserido, as características do espaço que o rodeia, tamanho, forma além dos objetos contidos nesse espaço.

Por fim, a cinésica que nada mais é do que a linguagem do corpo. Os movimentos corporais, os gestos feitos com as mãos, com a cabeça e as demais partes do corpo, incluindo as mínimas e sutis expressões faciais, tudo isso faz parte do que chamamos linguagem corporal, que nada mais é do que uma subespécie de comunicação não verbal e principal objeto do presente estudo.

2.3. A LINGUAGEM SILENCIOSA DO CORPO: A CINÉSICA COMO TIPO FUNDAMENTAL DE LINGUAGEM NÃO VERBAL

Atentemo-nos então à linguagem corporal, subespécie da linguagem não verbal, que se relaciona diretamente com o psicológico humano, com as emoções, sentimentos, com o que é chamado critério psicolinguístico, de maneira que o seu estudo e análise é tão fascinante pelo fato de que através dela identificamos pensamento e sinais que passam despercebidos pela linguagem verbal.

O que reforça, como já mencionado, que por ser a linguagem verbal, uma comunicação que tem a finalidade de expressar aquilo que desejamos e escolhemos expressar e transmitir, pode ser usada como maneira de camuflar, disfarçar ou negar pensamentos ou sentimentos ao contrário do que ocorre com a linguagem corporal.

Um exemplo trazido por Bordenave e muito ilustrativo ao tema, refere-se aos jogadores de pôquer. No mundo do pôquer, poucos são os bons jogadores, e isso se dá porque poucos são os que conseguem “blefar” sem demonstrar no olhar que estão “blefando”.

Isso porque, em nossas relações interpessoais, podemos até nos beneficiar do conhecimento a respeito da linguagem corporal, quando ao ter consciência dela em determinadas situações tentamos passar uma imagem de segurança, superioridade ou até mesmo calma, no entanto, a grande maioria de nossas manifestações somáticas são inconscientes e até mesmo involuntárias. Isso ocorre devido ao fato de que a linguagem não verbal apresenta funções básicas nessas relações interpessoais, como a de complementar à comunicação verbal, dessa forma, sinais, gestos, não verbais podem reforçar, completar ou reiterar algo que tenha sido transmitido de forma verbal de maneira a fornecer maior precisão a mensagem. Ela pode ter ainda a função de contradizer o verbal, em que um sinal não verbal emitido contraria, desmente aquilo que foi dito verbalmente, de maneira que os gestos não são consoantes com a mensagem emitida através de palavras. Também possui a função de substituir a linguagem verbal, quando as palavras são substituídas por sinais não verbais.

Por fim, encontra-se presente a função de demonstração de sentimentos, em que as emoções são demonstradas principalmente através de expressões faciais ao invés de serem expressadas por palavras, o não verbal auxilia na exteriorização dos sentimentos mesmo que eles não sejam necessariamente verbalizados e essa última função, segundo vários autores é considerada, em especial pelo pioneiro nos estudos das emoções e micro expressões Paul Ekman, a principal função da linguagem não verbal, e isso pode ser reforçado pela involuntariedade e inconsciência da manifestações mencionadas acima, em que podemos perceber que crianças cegas e surdas desde o nascimento, que não podem aprender esses sinais através da imitação, apresentam expressões de vergonha, tristeza, raiva assim como as que podem ver e ouvir.

Sendo assim, observa-se que a linguagem não verbal auxilia na demonstração dos sentimentos mesmo que eles não sejam verbalizados. Além disso é através dessa função que é possível analisar se a mensagem que o agente emite é compatível com o sentimento sentido por ele, e assim verificar se o indivíduo diz a verdade através da sua linguagem corporal, isso porque os sinais emitidos pelo corpo são a exteriorização daquilo que

sentimos em nosso interior, de tal forma que se a linguagem verbal não está de acordo com a linguagem corporal é possível a percepção da mentira.

Afirmam Allan e Barbara Pease em seu livro *Desvendando os segredos da linguagem corporal* que “a linguagem do corpo é o reflexo do estado emocional da pessoa. Cada gesto ou movimento pode ser uma valiosa fonte de informação sobre a emoção que ela está sentindo num dado momento.” (PEASE, Alan; PEASE, Barbara, 2005)

Essa percepção da mentira é plausível já que embora possamos usar esse meio de comunicação não verbal de maneira estratégica e até mesmo consciente, ele se dá de maneira involuntária, de forma que não é possível simular verdadeiramente este tipo comunicação já que a tendência é de ocorrer uma incoerência entre o discurso oral e os sinais e micro sinais emitidos pelo nosso corpo.

O que deve se levar em consideração também é o contexto em que está inserido o indivíduo que emite essa mensagem já que o seu significado sempre estará relacionado ao contexto em que ele se encontra e não apenas em determinada expressão corporal isoladamente. Isso porque embora as expressões que exprimem emoções e sentimentos sejam universais, determinados gestos corporais possuem certos significados dependendo do meio ambiente em que o indivíduo está inserido, podendo gerar erros de interpretação se analisados de maneira isolada.

Posto isso, para que haja coerência na comunicação, é necessário que as palavras que estamos transmitindo sejam confirmadas pelas nossas expressões, afim de que seja alcançado o significado da mensagem que queremos comunicar.

Entretanto, é importante atentar-se ao fato de que atualmente o homem possui pouco domínio dessa comunicação não verbal, sua desvalorização se dá principalmente por falta de consciência da mesma ou e quão importante ela pode ser em nossas vidas. Falta de consciência inclusive que se dá justamente porque quanto mais encoberto é um sinal mais difícil é ter consciência dele.

E a tendência é de que deixemos ainda mais a observação de lado, devido ao bombardeio constante de informações que recebemos a todo momento, estamos nos tornando seres menos observadores e conseqüentemente ainda menos atentos aos sinais não verbais das comunicações humanas.

No entanto, em determinados ramos, a comunicação não verbal já tem grande valorização, como por exemplo na área da saúde e psicologia. Na esfera da saúde por exemplo, é essencial o estudo dessa comunicação já que levando em conta a diversidade de pacientes, em que uns se expressam verbalmente menos que outros, a linguagem corporal poderá ser maior fonte de informação para que se construa o diagnóstico de um paciente, já que alguns sintomas se manifestam em expressões corporais as quais são universais, ou seja, as mesmas expressões se apresentam da mesma forma em variados pacientes em civilizações diferentes.

Na esfera da psicologia não há o que se debater a respeito da importância desse tipo de comunicação e a maior eficiência que ele pode proporcionar em relação ao desenvolvimento da atividade profissional deste ramo, que tendo em mãos a poderosa ferramenta de decifrar o corpo humano em movimento, tem maior habilidade em fazer a leitura dos sentimentos internos do paciente de forma correta.

As habilidades profissionais podem ser enriquecidas a partir do momento em que o profissional se aprofunda no estudo da linguagem corporal, que apesar de serem processos naturais podem se tornar habilidades específicas, ampliando sua compreensão a respeito do que se passa no interior do ser humano. Sendo assim, porque não estender esse conhecimento e dar ampla aplicabilidade na esfera jurídica?

É evidente, contudo, sem desvalorizar ou até mesmo deixar de lado a linguagem verbal, já que ela e a linguagem não verbal se completam e se fundem, que é de fundamental importância a inclusão do estudo desta no âmbito jurídico já que através dele o comportamento humano e seus sinais podem ser analisados com o objetivo de dispor as mãos do Estado mais um instrumento afim de auxiliar a justiça em toda sua seara, nas fases pré processual e processual, tendo sempre em vista à busca da verdade real.

2.4. AS EXPRESSÕES FACIAIS COMO MEIO DE EXTERIORIZAÇÃO DAS EMOÇÕES

O rosto é a parte do nosso corpo de que temos mais consciência, portanto é considerado como nosso melhor mentiroso da linguagem não verbal já que por termos essa consciência tendemos a controlar esses sinais, além disso é através dele que mais exteriorizamos nossas emoções.

As expressões faciais, subespécie de linguagem não verbal, estão englobadas na espécie de linguagem não verbal chamada cinésica, que como já mencionada é aquela referente à linguagem corporal, os gestos, movimentos das mãos, etc.

Para que possamos nos aprofundar na questão das expressões faciais é indispensável o estudo, ainda que breve, das emoções.

Sendo assim, o que são as emoções? Existe uma duração média para as emoções? O que provoca nossas emoções? E o que as provocam segue o mesmo padrão de resposta para todas as pessoas?

O estudo das emoções e como elas se expressam é algo complexo e permanece sempre em estudo pelos pesquisadores. De forma simplificada podemos dizer que as emoções ocorrem quando sentimos, de forma racional ou as vezes equivocada, que algo está afetando ou irá afetar em breve nosso bem-estar, seja essa afetação para o bem ou para o mal.

Elas surgem de forma a nos preparar para enfrentar de forma ágil episódios importantes e decisivos de nossas vidas, de modo que, no momento em que estes ocorrem agimos de maneira rápida e sem a necessidade de pensar em como agir. De acordo com Ekman isso acontece porque quando uma emoção se inicia, nos primeiros milésimos de segundo ela é quem comanda o que pensamos, fazemos e dizemos o que na maior parte das vezes é bom para que possamos enfrentar determinadas situações (as de perigo por exemplo).

Passamos a compreender a importância do entendimento e estudo das emoções quando nos atentamos ao fato de que para alguns cientistas estamos a todo tempo sendo movidos por alguma emoção, mas que, no entanto, algumas vezes por serem mais sutis passam despercebidas.

Ekman explica em seu livro *A Linguagem das Emoções* (2011), que as emoções fazem com que ocorram mudanças em nosso cérebro que nos preparam para enfrentar o que desencadeou a emoção. Além disso elas também são responsáveis por mudanças em nosso sistema nervoso autônomo regulando a respiração, transpiração, nossos batimentos cardíacos, entre outras alterações corporais.

Elas provocam mudanças em nossas expressões, em nossa voz, em nossa postural corporal e como já mencionado, em nosso rosto. Mudanças essas que ocorrem mesmo sem o nosso conhecimento ou consentimento, mudanças que simplesmente acontecem.

Na maioria das vezes, como referido, nossas emoções nos fazem reagir em situações importantes de nossa vida de modo positivo. No entanto, algumas vezes essa reação não é tão positiva e as emoções acabam por colocar-nos em apuros.

Isso pode ocorrer quando sentimos a emoção apropriada a determinada situação, mas a demonstramos de forma incorreta, ou ainda quando sentimos e demonstramos a emoção correta, mas com a intensidade errada, exemplifica Ekman.

Contudo, apesar das emoções serem tão presentes e arraigadas as nossas vidas, a maioria das pessoas por não serem especialistas no assunto, não conseguem diferenciar as emoções de outros fenômenos. A maneira mais compreensível de diferenciá-los é através da duração de cada fenômeno. As emoções podem durar segundos ou minutos, já os estados de ânimo são aqueles que podem durar horas ou até mesmo dias. No caso dos traços de personalidade, eles são os que perduram por grandes partes da vida de uma pessoa, ou até mesmo por toda ela e o que os diferenciam dos distúrbios emocionais não é a duração, já que podem durar meses ou anos, mas sim a capacidade que tem de prejudicar sua forma de viver, que neste caso afetam a maneira de se relacionar com os outros, trabalhar, dormir, etc, devido ao fato de estarem as emoções fora de controle.

Sendo assim, concluiu-se através de estudos e análises que as emoções propriamente ditas vão se exteriorizar através das expressões com uma duração de aproximadamente dois segundos, algumas podendo durar meio segundo e outras até quatro segundos, mas raramente serão mais longas.

Uma expressão mais longa indica um sentimento mais intenso do que uma expressão mais curta. Todavia existem exceções, uma expressão breve, mas intensa pode revelar que a pessoa está ocultando a emoção, o que não indica se ela está mudando a face de forma

consciente ou não, mas apenas que há uma emoção ali escondida. Diferente do que ocorre quando a expressão de mostra mais branda e longa caso em que a emoção está sendo intencionalmente controlada.

Paul Ekman, como já mencionado, foi um dos pioneiros no estudo das emoções e suas expressões, se dedicou em pesquisar afim de que pudesse compreender não só o que eram as emoções em si, mas como e quando elas se manifestavam e se isso se dava de forma natural e igual a todas as pessoas.

Suas pesquisas demonstraram que, apesar de serem as emoções processos que tem por influência nossas experiências pessoais ao longo de nossa evolução e que nos provoca mudanças fisiológicas e comportamentais, e ser nossa face capaz de produzir mais de dez mil expressões, algumas dessas expressões “são mais centrais para as emoções”.

Isso levou a conclusão de que há uma universalidade de emoções e suas expressões, ou seja, existem emoções básicas e universais, expressas pela face que podem ser identificadas em qualquer parte do mundo, independentemente de sua língua e cultura. Algo que de acordo com Darwin em sua obra “A expressão das emoções em homens e animais” já era superficialmente defendido, já que ele acreditava que as nossas emoções eram fruto de nosso processo evolutivo com o objetivo de garantir a sobrevivência de nossa espécie.

2.5. A UNIVERSALIDADE DAS EMOÇÕES POR MEIO DAS CULTURAS

Como já apresentado, pesquisas interculturais levaram a conclusão de que as emoções podem ser delineadas em razão de suas expressões que se mostram universais entre as culturas.

No entanto, houve muita resistência por parte da maior parte dos pesquisadores da época em que Paul Ekman realizou seus estudos científicos. Isso se deu em razão de que eles partiam da premissa de que as expressões emocionais eram fruto de aprendizado, baseados na crença de que todo comportamento humano é aprendido e que, portanto, variavam culturalmente (inclusive o referido estudioso iniciou as pesquisas com esse pensamento). Sendo assim, desacreditavam que eram adquiridas naturalmente, em função

da natureza humana, algo já inerente ao ser, o que já era defendido por Darwin como mencionado.

Esses estudos científicos foram realizados com base em observações no comportamento de pessoas localizadas em locais extremamente diversos como Papua-Nova Guiné, Estados Unidos, Brasil, Japão, Chile, Indonésia, ex União Soviética e Argentina.

O primeiro estudo se desenvolveu com pessoas de 5 países (Chile, Brasil, Argentina, Estados Unidos, Japão) e através de fotografias, pessoas deveriam analisá-las a fim de identificar as emoções expostas nas respectivas expressões faciais. A maior parte das pessoas chegaram a uma mesma conclusão, indicando a possível universalidade das emoções, no entanto, era difícil confrontar a ideia já existente. Essa dificuldade se dava em razão de que vários outros pesquisadores sustentavam que haviam diferenças nas expressões das pessoas de culturas diferentes, possuíam diferentes significados. Inclusive Birdwhistell, antropólogo respeitado especializado no estudo das expressões desacreditou das ideias de Darwin ao observar por exemplo que em culturas diversas muitas pessoas sorriam quando estavam tristes.

E assim, Ekman combinando seus estudos de que as expressões são universais às observações de Birdwhistell de que se diferem de cultura para cultura criou a ideia de “regras de exibição”, as quais são aprendidas socialmente e variam culturalmente em razão do poder de controle das expressões, de escolher para quem e quando podemos expressar determinadas emoções. Daí a explicação de que o fato de as pessoas sorrirem quando estavam tristes, na realidade significa uma máscara para a tristeza através do sorriso, o que ocorre geralmente quando estamos em público diante de outras pessoas, o que Ekman reitera afirmando que essas regras “podem ditar a diminuição, o exagero, a dissimulação ou o fingimento da expressão do que sentimos.” (EKMAN, 2011)

Vale destacar aqui a diferença entre as expressões e os gestos simbólicos, como por exemplo o modo de dizer sim e não com o movimento da cabeça ou gestos das mãos, neste caso os gestos são individuais a cada cultura.

Em razão da objeção existente da grande parte dos estudiosos, como supramencionado, apenas esse estudo não seria suficiente para sustentar o que afirmava Paul Ekman, uma vez que podia-se afirmar que as expressões identificadas pelas pessoas em análise podiam ser reconhecidas como tais em decorrência de aprendizado em razão do contato

intercultural e também através das mídias como tv, jornais, etc e por isso a necessidade de aplicar a pesquisa em uma cultura isolada, que não tivesse contato com outras culturas ou com a mídia.

Assim, iniciaram-se novos experimentos na região de Papua-Nova Guiné, que obtiveram sucesso em virtude um neurologista Carleton Gajdusek, que vinha trabalhando há anos na região, e que filmava a rotina de seus habitantes, de forma de Ekman através dessas projeções poderia analisar as expressões desses povos. Em um longo exame rigoroso, ao que ele descreve, esse material analisado possuía provas muito convincentes dado que não havia nenhuma expressão nova, estranha, por serem uma cultura isolada se fosse o caso de serem as expressões aprendidas, natural seria que possuíssem expressões originais de sua própria cultura.

Afim de solidificar os resultados obtidos, Ekman voltou anos depois a região para novas formas de análise das expressões para que não restassem dúvidas acerca de sua universalidade. Isso se deu através da observação de fotografias, em que as pessoas observavam as fotos e descreviam uma história a que devia se referir tal expressão impressa ali em razão de o povo analisado não possuir linguagem escrita e, portanto, palavra equivalente para relacionar uma emoção a expressão reconhecida.

Outra análise foi aplicada tempos depois, tudo de forma extremamente rigorosa para que não houvesse margens para dúvidas nos resultados obtidos, e dessa vez, ao contrário, contava-se uma história (parecida com a que eles mesmos tinham contado na análise anterior) e pedia para que identificassem entre três fotografias qual delas a expressão retratada combinava com a história contada.

Todas as expressões identificadas puderam ser bem definidas para felicidade, aversão, raiva e tristeza, com ressalva ao medo e surpresa que não se diferenciavam entre si talvez por serem emoções que se misturassem frequentemente entre aquele povo.

No entanto, mesmo com resultados sólidos a contraposição ainda era grande e para eliminar as possíveis dúvidas era necessário que outra pessoa repetisse os experimentos em outra cultura que também fosse iletrada e isolada, o que foi realizado pelo antropólogo Karl Heider que fez novamente as pesquisas na atual região de Irião Ocidental, parte da Indonésia. Os resultados se repetiram reproduzindo os mesmos obtidos nos experimentos de Ekman, inclusive o impasse existente na diferenciação do medo e surpresa.

A resistência ainda persiste. Hoje ela se dá em razão de antropólogos e psicólogos, principalmente no caso de pesquisas que são realizadas em culturas letradas, por defenderem que não há como definir perfeitamente as emoções em palavras, já que o modo em que elas são definidas e representadas pela linguagem são fruto da cultura e não natureza. No entanto, Ekman afirma "...em estudos atuais de mais de vinte culturas letradas ocidentais e orientais, o julgamento da maioria sobre o qual a emoção corresponde a tal expressão é o mesmo.", e ele ainda reforça a idéia da universalidade assegurando que "apesar dos problemas de tradução, nunca houve um caso em que a maioria, em duas culturas, atribuísse uma emoção diferente à mesma expressão. Nunca."

Ademais, à essa crítica atenta-se ao fato de que ela presume que as emoções são palavras, sendo que na realidade elas são apenas uma representação das emoções, uma forma com que lidamos com elas. Como já mencionado, a emoção é um processo, processo este que envolve mudanças fisiológicas sendo impossível reduzi-la a palavras, mas apenas expressa-la através destas.

Além disso, outro ponto importante é aquele já referido acerca das pesquisas de Darwin que sustenta a ideia da universalidade embasado na observação de que indivíduos cegos de nascença manifestam expressões similares as daqueles que não o são. Cerca de sessenta anos de estudo a respeito de tal abordagem e os resultados se repetem.

Vale ainda ressaltar que todos os resultados angariados não se limitaram a pesquisas que em que os indivíduos deviam apenas correlacionar uma palavra, que representasse uma emoção, a uma fotografia, que apresentava uma expressão. Também não se limitaram apenas as pesquisas mencionadas. Foram amplas as formas de análises, tais como utilizar histórias que expressassem eventos emocionais, medição de comportamento faciais com análise de músculos faciais em diferentes culturas, entre outras.

Com essa sucinta explicação em razão de sua complexidade, acerca da origem das emoções, como elas se expressam, sua universalidade e fundamentação acerca dela, passemos a um breve estudo das emoções universais e as expressões específicas a cada uma delas. São elas: tristeza, raiva, surpresa, medo, aversão, desprezo e alegria.

2.6. AS EMOÇÕES UNIVERSAIS

2.6.1. Tristeza

Há diversas palavras para descrever sentimentos tristes, melancólico, abatido, deprimido, são algumas delas. Esse sentimento de tristeza é gerado em decorrência da perda, seja ela de alguém ou algum objeto querido, em razão do trabalho, relacionamentos amorosos, entre outros.

Esse sentimento quando expresso em nossa face possui como um de seus sinais mais sólidos e confiáveis uma angulação para cima dos cantos internos das sobrancelhas. A confiança a respeito desse sinal se dá pelo fato de que esse movimento facial é produzido de forma involuntária pela maioria das pessoas, sendo assim, é inusual a reprodução de tal movimento.

As sobrancelhas, obliquamente posicionadas dessa maneira podem indicar a tristeza inclusive quando quem está na posse dessa emoção não a deseja demonstrar.

Outra observação ainda com relação as sobrancelhas, que pode ser observada na imagem abaixo, é de que na maioria das pessoas há uma dobra vertical que surgem entre elas quando se encontram unidas e puxadas para cima. Esse movimento pode triangular as pálpebras superiores, o que afirma Ekman ser muitas vezes o único sinal indicativo de tristeza. É importante mencionar ainda que pode haver variação das sobrancelhas quando houver choro, podendo estar abaixadas e unidas.



Figura 1: Bettye Shirley

Fonte: Livro “A linguagem das emoções”, 2011

Vale ainda observar que em algumas pessoas a contração do músculo para levantar o canto interno das sobrancelhas não produz nenhum movimento nelas, no entanto, gera um padrão característico de dobras a que Darwin comparou em sua obra “*A expressão das emoções no homem e nos animais*” como semelhante à uma ferradura, o denominando de músculo do pesar. (EKMAN, 2011)

Um ponto que revela essa emoção em sua forma intensa são as bochechas que se levantam, produzindo o que é chamado de sulco nasolabial, que se trata de dobras que escapam das narinas para fora para baixo para além dos cantos da boca. O músculo que é responsável por elevar as bochechas produzindo esse sulco nasolabial empurra para cima a pele abaixo dos olhos estreitando-os. Os lábios por sua vez se esticam horizontalmente, de forma que os lábios inferiores ficam pressionados para cima. Os cantos da boca permanecem abaixados, ainda que quase imperceptíveis como por exemplo no caso da foto em que a boca está muito aberta.

Essa emoção gera o que é chamado de protuberância mentual, o que significa que a pele entre a extremidade do queixo e o lábio inferior se encontra dobrada sofrendo pressão para cima em razão da ação do músculo do queixo.

Em alguns casos pode não haver indícios de tristeza nas bochechas e na boca, se tratando de uma expressão parcial e não tão plena como a da foto anterior. Dessa forma, a emoção será demonstrada apenas em uma parte da face o que pode indicar que o indivíduo está

tentando controlar sua emoção ou talvez ela não seja tão forte para se expressar em todo o rosto.

Por essa razão é importante reiterar a importância das sobrancelhas pois elas são responsáveis pela emissão de sinais confiáveis de tristeza, elas sempre a denunciaram ainda que outras partes do rosto digam o contrário seja em razão de o indivíduo não a quer expressar, tentando controlar sua emoção como mencionado, ou porque relembra algum momento que misture duas emoções, ou o mais comum entre nós que é tentar disfarçar a tristeza com um sorriso.

2.6.2. Raiva

A raiva pode ser traduzida como a emoção que desencadeada em decorrência de haver algo ou alguém interferindo naquilo que temos a intenção de realizar, também em razão de frustração devido ao comportamento de alguém, e ainda nos casos em que nos desapontamos com alguém ou com determinada situação.

É válido apontar que essa emoção raramente aparece desacompanhada de outros sentimentos. Além disso, ela traz em si uma pluralidade de sentimentos que podem se expressar desde um simples e leve aborrecimento até fúria. E ainda há que se mencionar que a diferença não está apenas na força desses sentimentos, mas nos diferentes tipos em que a raiva se manifesta. Ao que afirma Ekman:

“A indignação é a raiva farisaica; o mau humor é a raiva passiva; a exasperação refere-se a ter a paciência provada em excesso. A vingança é um tipo de ação furiosa cometida, em geral, após um período de reflexão a respeito da ofensa, às vezes com maior intensidade que o ato que a provocou. Quando é breve, o ressentimento é mais um integrante da família das emoções associadas à raiva, mas manter um rancor, um ressentimento duradouro, é diferente.
(...) O rancor é uma aversão duradoura, intensa.”

Além dos sinais expressados na face em razão dessa emoção, a raiva provoca mudanças no corpo por inteiro. São sensações usuais observadas na maior parte das pessoas, algumas são sentidas com maior intensidade do que outras. Como algumas delas podemos

citar a aceleração da respiração e batimentos, com a conseqüente elevação da pressão arterial podendo inclusive gerar o rubor da face.

Sensações como calor, pressão e tensão são típicas dessa emoção. Pode ocorrer também a pressão dos dentes superiores contra os inferiores, e ainda a projeção do queixo para frente o empurrando.

Já com relação a face, as sobrancelhas se mantem abaixadas e unidas de forma que os seus cantos internos descem no sentido do nariz. O olhar fixo é característico dessa emoção. As sobrancelhas baixas com os olhos arregalados fazendo com que as pálpebras superiores se levantem e se pressionem contra as sobrancelhas que estão abaixadas são um indício claro de raiva.

Com relação a boca, esta pode se expressar de formas diferentes, pode permanecer fechada de modo firme pressionando os lábios ou ainda se manter aberta de forma quadrada ou retangular, nesse caso a boca se mantem aberta com o maxilar fechado de forma firme e os dentes ficam expostos. O maxilar se projetando para frente é uma característica típica da raiva.

Um sinal muito importante dessa emoção se mostra com relação as bordas dos lábios que se estreitam e assim eles se afinam. Ele é importante pois esta é uma manifestação da raiva que dificilmente pode ser inibida, de tal forma que ela a denuncia antes mesmo até de o indivíduo ter consciência de que a está sentindo. Este é um sinal confiável da raiva que pode indicá-la mesmo que não haja outros sinais. É válido mencionar que este sinal pode ainda indicar que a raiva está tentando ser controlada.



Figura 2: Maxine Kenny

Fonte: Livro “A linguagem das emoções”, 2011

É importante destacar que algumas expressões referentes a essa emoção não deixam claro a sua intensidade, deixando dúvidas se a emoção está apenas começando, se ela é leve ou está tentando ser controlada por aquele que a sente.

Também alguns de seus indícios podem se confundir com concentração ou ainda perplexidade. Em razão disso uma observação que se faz necessária referente as sobrancelhas e os lábios pressionados.

No que concerne as sobrancelhas, quando abaixadas e unidas, porém sem o olhar fixo característico da raiva pode ter uma gama de significados. Charles Darwin denominou como “músculo da dificuldade”, o músculo responsável por abaixar e unir as sobrancelhas pois observou que ele se contrai as abaixando e as unindo diante de situações de dificuldade, seja ela física ou mental. Ainda pode ser sinônimo de confusão, concentração, perplexidade, ou como forma de protegemos nossos olhos de uma luz muito forte. Com relação aos lábios pressionados as observações de Darwin levaram a conclusão de que temos a tendência de apertar os lábios sempre quando realizamos esforço físico. (EKMAN, 2011)

2.6.3. Surpresa

A surpresa é emoção que tem por característica ser a mais breve de todas as emoções. Surgirá apenas diante de um evento repentino, uma ocasião inesperada, já que se ela apresenta lentamente diante de nós não há que se falar em sermos surpreendidos. Em suma, essa emoção se mostra quando estamos despreparados para determinadas situações, de forma repentina e por isso é tão incomum fotos que expressem essa emoção já que ela dura poucos segundos.

Sendo assim, essa emoção logo passa e posteriormente se mescla ao alívio, a raiva, ao medo, etc. em consequência daquilo que nos causou a surpresa, e se caso não há consequências decorrentes da mesma pode não ser seguida de nenhuma outra emoção.

Em razão dessa brevidade pode-se afirmar que é mais difícil tentarmos controlar esse tipo de emoção, pois não temos muito tempo para fazê-lo de forma deliberada.

O fato de a surpresa não durar mais de alguns segundos não acontece com as outras emoções que no geral podem ser muito rápidas ou mais longas. Como exemplo, pode ser citado o medo que quando aparece logo após a surpresa, pode ser muito rápido ou durar algum tempo.



Figura 3: Dois homens surpresos com a queda de uma moça do prédio

Fonte: Livro “A linguagem das emoções”, 2011

A surpresa se expressa na face através das sobrancelhas que erguem em decorrência dos olhos que se arregalam. O maxilar se abre.

Há que fazer observações acerca dessa emoção. Surpresa e espanto não são sinônimos, o espanto não se trata de uma emoção, mas sim de um reflexo físico. Outra observação se refere ao fato de alguns estudiosos não reconhecerem a surpresa como uma emoção. Isso se dá em razão de acreditarem que a surpresa não é positiva ou negativa. Ainda pode-se reforçar essa ideia apontando as pesquisas supracitadas que apontaram a dificuldade daquelas culturas em diferenciar a surpresa do medo. Mas ainda assim Ekman discorda, considerando a surpresa uma emoção, para alguns positiva e para outra negativa, podendo, portanto, serem agradáveis ou não.

2.6.4. Medo

O medo é a emoção alvo de maior quantidade de pesquisas e estudos quando comparado as outras emoções.

As variações dessa emoção seus gatilhos são caracterizados e decorrentes em razão de ameaça de dano, seja ele físico ou psicológico. Esses gatilhos, responsáveis por gerar essa emoção, podem variar entre os indivíduos, como por exemplo o fato de alguns terem medo de altura e outros não, alguns terem medo de cobras e outros não, enfim, os motivos os quais desencadearão essa emoção diverge em cada um de nós.

Além de se expressar em nossa face, assim como a raiva, o medo é responsável por mudanças em todo nosso corpo características dessa emoção. As mãos ficam frias, apesar da sensação de calor nas mãos e na face. Os músculos se enrijecem ou ainda o corpo pode começa a tremer, a respiração fica profunda e mais rápida, surge a transpiração, e a tendência é de que o corpo se afaste para trás.

Já em nossa face o medo se expressa quando as pálpebras inferiores ficam tensionadas e acompanhadas das pálpebras superiores por sua vez erguidas, isso somado ao resto da face mesmo que ausente de expressões é sempre um forte indício de medo. Com as pálpebras superiores erguidas as sobrancelhas se unem e também se mantem erguidas.



Figura 4: Jack Ruby atirando em Lee Harvey Oswald
Fonte: Revista Life, 1964

É importante destacar a expressão das pálpebras superiores e sobrancelhas em razão de ser através delas que diferenciaremos a surpresa do medo. As pálpebras superiores quando estendidas de modo significativo, ainda que as inferiores não estejam tensionadas e a boca e as sobrancelhas se referirem à surpresa, a impressão será a de medo. Na surpresa as sobrancelhas não se mantem unidas.

Com relação ao maxilar, ele se abre e a boca se estica horizontalmente para trás no sentido das orelhas, o queixo é projetado para trás.

2.6.5. Aversão

A aversão é definida por Ekman como gostos, cheiros, toques, ideias, visões, sons e até mesmo pessoas, suas aparências ou ideias que causam enjoo, repugnação, nojo, revolta, etc. Paul Rozin, psicólogo, profissional que dedicou grande parte de suas pesquisas a aversão, acredita que esta emoção “envolve um sentido de incorporação oral de algo considerado desagradável e contaminante.” (EKMAN, 2011)

Rozin em suas pesquisas chegou à conclusão de que os produtos corporais como fezes, muco, sangue, urina e vômito por exemplo podem ser considerados como os gatilhos universais mais potentes para a aversão. No entanto, apesar de haverem gatilhos universais para essa emoção, existem variações com relação a outros critérios.

Essas variações se devem as diferenças culturais existentes, e além dessa diversidade entre culturas há uma variação até mesmo dentro de uma mesma cultura. Podemos exemplificar com o que ocorre com os gostos. Em alguns lugares da China, cachorros são considerados uma refeição comum e saborosa enquanto na maior parte dos países ocidentais isso é considerado extremamente repugnante.

Um apontamento a ser feito é o de que a aversão não aparece como uma emoção que se distingue das outras até certo ponto entre quatro e oito anos de idade. Isso se comprovou por meio de experimentos realizados por Rozin com crianças e adultos, em um desses experimentos por exemplo, eles eram solicitados para comer ou tocar em um chocolate com forma de fezes de cachorro. As crianças entre quatro e sete anos não se incomodaram,

enquanto os adultos se recusaram a fazê-lo. Inclusive pode-se dizer que há certa fascinação com relação a aversão por parte de crianças e adolescentes.

O professor de Direito, Willian Miller, em sua obra *“The Anatomy of Disgust”*, faz uma observação acerca de que não são só as crianças que são fascinadas pelo que é repugnante, mas que no geral possuímos uma fascinação com relação a coisas repugnantes, como por exemplo nossa curiosidade em ver acidentes que envolvem bastante sangue, até mesmo nossas fezes, muco, etc., que apesar de nos enojar nos provocam curiosidade. Ele ainda menciona o exemplo ilustrativo de que ao assoarmos nosso nariz temos o hábito de olhar no lenço ou papel. (EKMAN,2011)

Em nossa face, essa emoção quando muito intensa tem a tendência de manter as sobrancelhas abaixadas o que muitas vezes pode nos levar a confundi-la com a raiva.

No entanto, na aversão as sobrancelhas e as pálpebras superiores não se encontram erguidas como na raiva. Aqui, os músculos das pálpebras relaxam e não se encontram tensionados.



Figura 5: Homem habitante da tribo “fore”, localizada em Papua Nova Guiné

Fonte: Livro “A linguagem das emoções”, 2011

Ademais, a observação mais importante se dá com relação as bochechas, boca e nariz. As bochechas se erguem e empurram para cima as pálpebras inferiores. Essa elevação das

bochechas juntamente com as sobrancelhas abaixadas faz com que apareçam pés de galinha.

Ocorre o enrugamento do nariz que também se mede em razão da intensidade, quanto mais intenso maior o enrugamento. No que se refere a boca, o lábio superior se ergue, e quando isso ocorre apenas de um dos lados do lábio a expressão se encontra em desequilíbrio podendo significar tanto aversão como desprezo, emoção que será abordada oportunamente. Com relação ao lábio inferior ele também se ergue e se encontra levemente projetado.

Observando a imagem, observa-se que há uma dobra profunda que se assemelha a um U invertido. Ela se projeta até embaixo, acima das narinas até depois dos laterais da boca. Pode-se observar ainda o aparecimento de dobras envolvendo o nariz em ambas as laterais.

Esses sinais, assim como também expressos na foto acima, denotam uma aversão extrema.

Assim como outras emoções, a aversão pode surgir misturada ou intercalada por outra, nesse caso a raiva é a mais comum e que como já referido pode muitas vezes levar a confusão de quem observa. Quando misturadas a expressão resultante se dá com o nariz enrugado mais as sobrancelhas abaixadas que são sinais de aversão, no entanto elas se encontram unidas e as pálpebras superiores erguidas, ambos sinais de raiva. As pálpebras superiores erguidas são um sinal sutil já que as sobrancelhas estão abaixadas e se torna mais difícil essa percepção. Pode ser observado também que além das pálpebras superiores estarem erguidas as inferiores se encontrarão tensionadas, que como supracitado, é um sinal de raiva. Isso pode ser ainda somado aos lábios apertados.

2.6.6. Desprezo

Podemos dizer que o desprezo é uma emoção que se relaciona à aversão, mas que são diferentes. Assim como a aversão é raro encontrar fotos que a expressem.

Para Ekman a diferenciação entre essas duas emoções se dá em razão de que o desprezo se manifesta apenas com relação a pessoas e ações, não com relação a gostos, cheiros,

etc. Ele afirma que neste caso existe o que ele chama de elemento de condescendência com relação ao objeto do desprezo, e que em razão dessa emoção, quando não gostamos de alguém ou de ações realizadas por pessoas o sentimento que surge é o de superioridade. O desprezo manifesta o sentimento de poder e status. No caso da aversão a tendência seria o de afastamento daquilo que gerou a emoção, o que não ocorre aqui mesmo a ofensa se mostrando degradante.

O desprezo pode variar em intensidade e força, como a aversão e as demais emoções, no entanto, com relação a força o desprezo máximo não chega perto da aversão máxima que é pior. É uma emoção que geralmente vem acompanhada da raiva, porém em sua forma mais leve.

Em nossa face, ao expressar essa emoção temos a propensão de levantar o queixo, de forma como se os olhos se abaixassem no sentido do nariz. Acontece o mesmo com a aversão, o lábio superior se ergue e em apenas um lado da face, porém a diferença de observa com relação a que isso ocorre de forma mais sutil, além de que esse canto da boca se enrijece, uma expressão característica e evidente de desprezo.



Figura 6: Expressão de desprezo

Fonte: Google Imagens

Não é incomum a mistura de desprezo e satisfação, nesse caso a expressão será a descrita acima combinada com o canto de boca expressando um efêmero sorriso, denotando desdenho e presunção.

2.6.7. Alegria

Intitularemos como alegria, afim de facilitar o presente estudo, a emoção que se refere a todas emoções chamadas “emoções agradáveis”, isso porque diversas são os sentimentos que se referem a alegria: satisfação, prazer, orgulho, diversão, entusiasmo, alívio, amor, gratidão, entre outros.

Ainda que sejam consideradas universais, as emoções se baseiam em nossas experiências e por isso essa gama de sentimentos. As sensações proporcionadas por essas emoções agradáveis podem inclusive durar horas, ou seja, são estados de ânimo relacionados a elas.

Em nossa face por óbvio que a expressão característica das emoções agradáveis será o sorriso, o que os diferenciará será a intensidade e sua duração. Alguns estudiosos ainda apontam que para diferenciar as emoções agradáveis expressas em um sorriso a melhor análise é feita através do tom da voz e não precisamente pela face. Isso porque em grande parte das vezes, o sorriso pode ser utilizado ainda que a pessoa não sinta nenhuma emoção agradável, mas para mascarar outra emoção.



Figura 7: Loretta Stirm e seus filhos recebendo o tenente-coronel Robert Stirm recém liberto do campo de prisioneiros de guerra no Vietnã

Fonte: Livro “A linguagem das emoções”, 2011

No entanto, há como diferenciar um sorriso verdadeiro de outros sorrisos. Em seus estudos, Duchenne de Boulogne, um neurologista francês, revelou que um sorriso real de alegria é aquele expressado pela combinação dos músculos zigomático maior e obicularis oculi. O

músculo zigomático maior é aquele que sai do osso malar (maçãs do rosto) e desce até os cantos da boca os puxando para cima, formando um sorriso, já o músculo obicularis oculi é aquele existente ao redor dos olhos. (EKMAN, 2011)

A definição de ser um sorriso real ou não se dá em razão do fato de que o músculo obicularis oculi não obedece à vontade, seu movimento é involuntário, provocado apenas pela sensação verdadeira de uma emoção agradável, diferente do músculo zigomático maior que pode ser movimentado propositalmente. Portanto, um sorriso verdadeiro deverá apresentar o movimento dos músculos ao redor dos olhos.

Um sorriso largo, característico de alegria, faz com que as bochechas sejam empurradas para cima, juntando a pele sob os olhos os deixando estreitos e produzindo até pés de galinha ainda que não envolva o músculo obiculares oculi. No entanto, quando ele se encontra em ação, e com isso produzindo um sorriso verdadeiro, as sobrancelhas e a pele que se encontra entre as pálpebras e as sobrancelhas, se abaixam em razão desse músculo.

Essa diferenciação se revela importante quando se considera o fato de que, como mencionado, pessoas costumam mascarar outras emoções através de um sorriso, como por exemplo insatisfação, tristeza, etc. Por isso deve-se analisar além da ausência do movimento do referido músculo, outros sinais expressados na face que denunciam a real emoção sentida.

3. A INTERAÇÃO DA LINGUAGEM CORPORAL NO CONTEXTO JURÍDICO

A linguagem corporal, vale dizer, a comunicação não verbal no geral não goza de tanto prestígio dentro do contexto jurídico como a comunicação verbal, o que se mostra evidente quando nos atentamos ao fato de que as provas consideradas como tais em nosso ordenamento jurídico são aquelas provenientes da comunicação verbal, escrita ou falada.

Contudo não há que se discutir acerca da importância das emoções, principalmente no contexto jurídico, e sobre o fato delas interferirem diretamente em nossas ações que, como já mencionado muitas vezes nos preparam para agir rapidamente de forma que nem tenhamos a necessidade de pensar.

Assim, é oportuno aludir ao Código Penal brasileiro, que em seu artigo 65 discorre acerca das circunstâncias atenuantes da pena, sendo que uma delas apresentada no inciso III, c, é relacionada as emoções, e se configura em razão de ter o agente cometido o crime sob a influência de violenta emoção, provocada por ato injusto da vítima:

“Artigo 65 - São circunstâncias que sempre atenuam a pena:

(...)

III- ter o agente:

(...)

C) cometido o crime sob coação a que podia resistir, ou em cumprimento de ordem de autoridade superior, ou sob a influência de violenta emoção provocada por ato injusto da vítima.”

Ainda, especificamente nos crimes de homicídio e lesão corporal a legislação penal vigente reitera nos artigos referentes aos determinados crimes tal atenuante. Ou seja, aquele que em razão de estar dominado por violenta emoção agride a vítima que praticou ato injusto contra ele logo após tal ato poderá ter sua pena reduzida em razão dessa circunstância.

Outro ponto com relação à inserção da comunicação não verbal e suas vertentes nesse contexto, diz respeito ao aperfeiçoamento do estudo dessa linguagem por parte dos profissionais que assim aumentarão suas capacidades de decifrar os gestos e expressões corporais com o fim de se obter a verdade, já que através dela é possível a detecção da mentira, denunciada através das microexpressões.

Além da sua principal finalidade dentro do âmbito jurídico, que é a de auxiliar a persecução da verdade e elucidação de fatos trazidos ao judiciário como um todo (fases pré processual e processual), verifica-se um auxílio indireto, porém consequente de tal finalidade com relação a este ser mais um instrumento disponível para a incessante busca de vencer as enormes demandas que assombam o judiciário brasileiro, que em razão da quantidade prejudicam a duração razoável do processo.

A duração razoável do processo, em uma análise mais ampla, está ligada ao Princípio do Devido Processo Legal, princípio constitucional consagrado, portanto em nossa Constituição Federal que em seu artigo 5º inciso LIV prevê que “ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal”. Deste princípio, base de todo o sistema processual, se irradiam diversos outros princípios que possuem íntima ligação a essa duração razoável do processo, como o Princípio da Segurança Jurídica, da Dignidade da Pessoa Humana, do Acesso à Justiça, da Eficiência, da Legalidade e em especial ao Princípio da Razoabilidade.

Vale ressaltar que o princípio da Razoabilidade se encontra também consagrado em nossa Constituição Federal dispõe em seu artigo 5º inciso LXXVIII que “a todos, no âmbito judicial e administrativo, são assegurados a razoável duração do processo e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação”. Portanto esse princípio é aquele que tem em um lado de sua face a celeridade da tramitação do processo e em outra a satisfatória e efetiva prestação jurisdicional com o fim da obtenção da duração razoável do processo.

E em razão dessa abundância de processos que tramitam em nosso judiciário, dispor mais um instrumento eficaz as mãos do Estado que o auxilie nessa tarefa, mesmo que indiretamente é sempre necessário, ainda mais um instrumento que conta com grande margem de precisão quando bem aprofundado e estudado.

Além disso, mais do que qualquer outra área, sabe-se que o Direito é um ramo que se comunica com diversos outros pois ele é a base em que se sustenta a sociedade, consolidando seus valores, garantindo os direitos e deveres daqueles que dela fazem parte, portanto é uma ciência que se aplica a todas outras, e mais do que isso, se relaciona com as outras ciências de maneira que estas também contribuem à justiça, em um auxílio mútuo.

Como é o caso da figura do *amicus curiae*, expressão em latim que tem o significado de “amigo da corte”, positivado no Código de Processo Civil em seu artigo 138 caput que dispõe:

“O juiz ou o relator, considerando a relevância da matéria ou a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia, poderá, por decisão irrecorrível, de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com representatividade adequada, no prazo de 15(quinze) dias de sua intimação.”

No processo civil, o *amicus curie* nada mais é do que uma pessoa física ou jurídica, um terceiro não interessado acerca da questão em discussão, que com representatividade adequada e capacidade para auxiliar, intervém no processo com a finalidade de contribuir para a resolução da lide, esclarecendo os fatos e o Direito, em razão de o magistrado não possuir conhecimento suficiente com relação a matéria específica que não de sua área. Assim, contribuem com o magistrado proporcionando melhor qualidade com relação as suas decisões.

E isso não seria diferente com o ramo da linguagem corporal, que com o aprimoramento de seu estudo, técnicas e aplicações possui forte relação e utilidade a ciência jurídica e o resultado dessa interação pode ser analisado sob diversas perspectivas.

3.1. AS MICROEXPRESSÕES E A DETECÇÃO DA MENTIRA NO CONTEXTO JURÍDICO

Em uma primeira análise da contribuição da linguagem corporal a ciência jurídica, merece destaque o fato de ser possível detectar a mentira através da análise das microexpressões, um instrumento que nos foi dado pela própria natureza que nos permite alcançar a verdade.

A detecção da mentira e a análise da linguagem corporal como um todo no contexto jurídico é de extrema importância quando consideramos que nosso ordenamento jurídico contempla as provas orais, dando grande relevância aos depoimentos de testemunhas, interrogatórios, e durante toda a audiência em que na maioria dos casos, o magistrado e

nos casos apreciados também pelo plenário do júri, em que até mesmo os jurados tem contato direto com o objeto de sua apreciação.

O estudioso Paul Ekman aponta vários pontos como indicadores de mentira. É certo que os indicadores de mentira devem ser analisados com cautela de acordo com o contexto, com a conduta do indivíduo como um todo, já que um indicador por si só não é determinante. O conjunto de indicadores, indícios, a situação em que se está inserido, tudo deve ser levado em consideração para uma análise correta. Feita esta observação passamos a análise de alguns deles.

Como um dos indicadores de mentira pode-se mencionar a hesitação, que se trata do fato de a pessoa demorar para responder algo simples que lhe tenha sido perguntado, no entanto esse aspecto deve ser analisado diante do contexto. Ao que o estudioso afirma “Diversos sinais de pensamento a respeito do estímulo do momento são revelados na voz e nos gestos. Geralmente, há determinados lapsos de memória que não ocorrem quando as pessoas dizem a verdade.” (EKMAN, 2011)

Outro ponto apontado pelo doutrinador se refere à contradição, que ocorre quando a pessoa relata uma história repetidamente e com diversos detalhes, por vezes os acrescentando ou os excluindo, pois é muito difícil que diante de um relato complexo a pessoa o consiga relatar mais de uma vez da mesma forma.

Além desses pontos, a assimetria foi apontada por ele como outro indicador de mentira relacionado as expressões faciais. Segundo estudos, as expressões quando falsas são mais assimétricas com relação aquelas que não o são. Contudo, essa diferença com relação a simetria é algo bem sutil que necessita de uma pessoa treinada para tal percepção, que inclusive pode ser medida através de um sistema conhecido como FACS (Facial Action Coding System) que abordaremos mais adiante.

Duchenne Du Boulogne, como já mencionado, por meio de seus estudos apontou ainda como indício de mentira a ausência de alguns movimentos que como já mencionado são muitas vezes involuntários e que não conseguem ser reproduzidos espontaneamente pela maioria das pessoas. A ausência desses movimentos pode indicar que a expressão não é verdadeira.

Outro indício de mentira se refere ao que é chamado por Ekman de “timing da expressão”, que se refere a duração da emoção vivenciada. As expressões que desaparecem ou

surgem de forma gradativa devem acompanhar o fluxo da conversa, assim como aquelas que aparecem ou desaparecem subitamente devem ter essas mudanças justificadas pelo contexto da conversa, pois caso contrário não são confiáveis.

Quando a mentira se dá em razão da emoção sentida por determinada pessoa, ela se compõe da verdadeira emoção que está sendo ocultada e a emoção simulada, chamada de “máscara”. A “máscara” é um mecanismo de dissimular a emoção sentida pois através dela se mascara a emoção real, isso porque é mais fácil ocultar uma emoção simulando outra ao invés de se manter inexpressivo. Ademais, algumas mentiras necessitam que além de se ocultar a verdadeira emoção uma outra deve ser falsificada. Vale dizer que todas as emoções podem ser disfarçadas e mascaradas por outras, mas a “máscara” mais comum é do sorriso como forma de ocultar sentimentos desagradáveis, em razão de ser a conduta positiva valorizada na maior parte dos contextos sociais. E são nesses casos em que surgem as microexpressões responsáveis por denunciar as reais emoções.

Como referido, somos capazes de reproduzir uma média de dez mil expressões diferentes, em razão dessa quantidade e complexidade, Paul Ekman juntamente com Wallace Friesen desenvolveram e publicaram em 1978, o que mencionamos como FACS, o sistema *Facial Action Coding System*, um método validado cientificamente, capaz de analisar e medir a intensidade das expressões faciais. Trata-se de um processo anatômico, um sistema descritivo dos movimentos musculares, que possibilita a observação dessas expressões. Através do FACS pode-se descrever os movimentos dos músculos faciais com exatidão, sempre acompanhado do processo de interpretação para que seja realizada tal leitura.

Essa análise se dá através de códigos que representam os mais variados movimentos, sendo possível mapear quase por completo uma expressão facial. Esses códigos são chamados de *Action Units* (“Unidades de Ação”) e possuem a sigla AU, possibilitando a composição do reconhecimento facial. Totalizando são 102 códigos responsáveis por essa decodificação facial, divididos em: 42 AUs (*Action Units*), 41 MVs (*Movements*), 9 GBs (*Gross Behavior Codes*) e 5 VCs (*Visibility Codes*).

Vale dizer, no entanto, que as mentiras analisadas sob esse enfoque das microexpressões têm como base para a análise as emoções, sendo assim a análise obtida não se baseia na mentira acerca de fatos, ações, pensamentos ou planos, contudo esses tipos de mentira geram pontos emocionais e são essas emoções a respeito desses fatos, ações, etc. que

serão objeto de interpretação. Vale ressaltar que as emoções frequentemente vivenciadas por aqueles que mentem e que devem ser observadas são o medo, culpa e muitas vezes alegria.

O medo se refere ao fato de ser pego em razão da mentira e que em decorrência dela as consequências sejam graves, mas deve-se levar em conta de que algumas pessoas que tendo êxito em suas mentiras não irão demonstrar essa emoção.

A culpa também pode surgir quando há uma mentira, mas não em todos os casos, como exemplifica Ekman (2011) um agente infiltrado da polícia não sentiria culpa no caso de uma mentira autorizada. Com relação a alegria, ela se baseia no fato de o indivíduo sentir prazer em enganar, e sendo difícil de o conter, muitas vezes é expressado e assim denunciando a mentira. Isso pode ser observado inclusive no comportamento de muitos criminosos, que quando questionados acerca do fato imputados a eles demonstram prazer e vangloria em sua face. Assim como poderá ocorrer também acerca das outras emoções, como por exemplo a raiva ou aversão, o indivíduo poderá demonstrar a raiva ou aversão que sente pelo seu alvo.

Como referido, todos os indícios devem ser analisados conjuntamente, de acordo com cada situação, pessoa, etc. Por exemplo, uma pessoa pode até estar falando a verdade, mas sente medo por poder ser desacreditada, ou ainda pode demonstrar culpa por ser passível de culpa, ou demonstrar um sentimento que não tenha relação com a mentira em si.

Além disso outro cuidado deve ser tomado, o de que nem todas as pessoas que ocultam uma emoção a expressarão através de microexpressões que se relacionem a ela. O fato de haver uma microexpressão significa muito, mas o fato de não haver não significa que uma pessoa oculta ou não uma emoção naquele momento.

O que pode-se concluir é que o fato de que uma emoção não revelada que se esconde através de outra emoção, através das expressões faciais e microexpressões, contradizendo o que é expressado verbalmente, tom de voz, e os gestos corporais, então isso significa que algo está errado e que são necessárias maiores investigações.

3.2. OUTRAS ABORDAGENS ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO DA LINGUAGEM CORPORAL AO CONTEXTO JURÍDICO

A grande importância e destaque que se dá com relação a linguagem corporal no contexto jurídico é sem dúvidas a possibilidade de através dela, do estudo e análise das microexpressões, dispor de um mecanismo eficaz para a detecção mentiras, observadas as determinadas precauções, afim de que seja mais um instrumento para se alcançar a tão almejada verdade real.

No entanto, é importante abordar outros aspectos dessa contribuição da linguagem corporal nesse contexto, não só através das microexpressões faciais, mas como um todo. Mencionamos aqui a respeito das expressões faciais e que sua contribuição se dá em razão da valorização de provas como oitiva de testemunhas, das partes, o julgamento do réu em análise pelos jurados no plenário do júri. Isso, entre outros tipos de comunicação que se dão dentro do processo e até mesmo os que o antecedem, em que a análise da linguagem do corpo se mostra de extrema importância, são apenas algumas das abordagens a respeito desse tema.

A análise que se dá com relação ao comportamento do réu, das testemunhas e até mesmo da vítima, é de grande relevância, mas não podemos deixar de mencionar que tão importante quanto isso também é a função da linguagem corporal e a utilidade da mesma quando observados em razão da utilização consciente dessa linguagem pelos operadores do Direito com a finalidade de obterem melhores resultados em suas abordagens, investigações e análises. Com isso, analisemos o valor desse tipo de linguagem com relação a aplicação da lei.

Resta claro que o mundo jurídico se baseia na comunicação, seja ela por meio de palavras, mas principalmente através dos gestos, expressões, tom de voz, vestuário, etc., tendo as pessoas consciência disso ou não.

Com relação a justiça criminal, é importante ressaltar que pessoas são processadas, julgadas e condenadas através da comunicação, assim como criminosos planejam e executam seus planos tendo como meio a comunicação.

Portanto, a palavra do criminoso/acusado por óbvio tem grande relevância, mas aquilo que ele não diz pode significar ainda mais. A interação entre o criminoso/acusado com a polícia

e outros operadores do Direito, é determinada por muito mais do que apenas palavras, mas por diversos fatores como o tom da voz com quem falam, contato visual, a distância entre os envolvidos, etc., ou seja, uma contínua troca de sinais e informações todas com um significado.

Sendo assim, com relação a abordagem e confronto entre policiais, delegados e suspeitos o entendimento da linguagem corporal é essencial, em que se mostra necessário que policiais e delegados tenham a consciência de que assim como o suspeito os envia sinais, eles também estão se comunicando não verbalmente, se tratando, portanto, de uma abordagem integrada.

Isso significa dizer que os operadores da lei como um todo, devem ter amplo conhecimento e serem sensitivos a comunicação, verbal e principalmente não verbal, com as pessoas com as quais interatuam. Isso pois, todos sabemos que uma boa comunicação é fundamental tanto para o sucesso nas relações pessoais como profissionais.

A crença de que compartilhar do mesmo idioma é o suficiente para que haja compreensão do que está sendo transmitido se mostra falsa posto que a comunicação na maior parte das vezes requer muito mais do que apenas a audição, e sendo assim, as palavras podem até ser entendidas, mas seu significado por trás das palavras não (OTU,2015).

Os diversos estudos acerca da linguagem não verbal nos mostram que através de comportamentos não verbais pode-se detectar traços de caráter como honestidade e confiabilidade (OTU,2015). Isso porque quando um sinal não verbal de um indivíduo não é compatível com a mensagem verbal que ele emite, isso indicará desconfiança e confusão. A maneira de olhar, falar, reagir, pode significar muito para um operador da lei, podendo indicar se o suspeito está sendo sincero ou não.

Mas vale mencionar, assim como já referido anteriormente, que para a análise de um suspeito afim de tentar identifica-lo como um, na intenção de observar características como as acima mencionadas e o significado daquilo que ele procura comunicar, a interpretação desses sinais deve ser feita como um todo. Analisando-o individualmente devem ser considerados fatores como cultura, contexto social, entre outros.

Em outras palavras, significa dizer que policiais, delegados, entre outros, devem estar atentos a diferentes culturas, ambientes e maneira como se comunicam sem ser verbalmente.

Posto a importância da linguagem não verbal nesse contexto, analisemos sua efetividade prática. Entre os diversos desafios enfrentados diariamente para a efetiva aplicação da lei, pode-se dizer que no caso da justiça criminal um desses desafios se encontra no fato da identificação dos suspeitos na sociedade. No entanto, esse desafio pode ser minimizado com o auxílio da linguagem corporal, já que tudo o que as pessoas fazem podem conter valioso significado, dependerá de seu aprimoramento e experiência no campo da comunicação não verbal que assim então será um método útil para se obter veracidade ou falsidade na declaração de um suspeito.

Além da identificação dos suspeitos, outro desafio a ser enfrentado se trata da questão de como lidar com um suspeito quando identificá-lo, e aqui se fundamenta o estudo deste capítulo. Quando abordado por esse prisma, observa-se que as principais características na interação entre aqueles que operam a lei e os suspeitos se tratam de dominação e submissão e a influência da linguagem corporal nesse contexto.

Diversos estudos foram realizados acerca desse tema tendo como objetivo a manutenção da segurança e autoridade com relação ao suspeito, e de acordo com as observações concluiu-se que durante uma abordagem, um policial por exemplo, além de manter sua aparência profissional, deve sempre manter proximidade física, mantendo contato visual direto e controle através de sua voz (OTU,2015).

Com relação a proximidade física há que se fazer uma observação, embora essa proximidade estabeleça autoridade e domínio, os profissionais devem ficar atentos com a distância a que se refere essa proximidade, que se define como segura dentro de um raio de três metros, menor que isso a segurança é posta em risco pois se entra no que é chamado "*killer zone*", que em uma tradução livre significa "zona assassina".

De acordo com as análises, o profissional que tem a capacidade de manter a autoridade através de sua aparência, tendo êxito em controlar as situações em que está inserido, e que tem a competência para decodificar as mensagens não verbais, está apto a impedir que suspeitos e criminosos tentem o agredir ou matar, e até mesmo impedir que isso ocorra com outros profissionais envolvidos.

Isso ocorre porque se os sinais, as expressões forem interpretadas da maneira correta, emoções como medo e raiva, além de honestidade e confiabilidade, podem ser reconhecidas e utilizadas a seu favor. No caso de policiais que com treinamento se

capacitam afim de compreender tais sinais, se tornam capazes de reconhecer quando um suspeito está mentindo, se preparando para fugir ou evitar a prisão, e principalmente quando a violência está eminente. Assim, capacitados para tal compreensão, possuem preparo mental para agir automaticamente quando deparados com tais situações.

Além disso, como referido, trata-se de uma comunicação interativa, em que suspeitos/criminosos enviam sinais importantes através de seu comportamento, assim como os profissionais desse ramo estão ao mesmo tempo também enviando sinais a eles. A importância com relação a esse fato se encontra principalmente na questão de que muitas vezes, criminosos e suspeitos, como por exemplo traficantes de drogas, procuram sinais não verbais como aparência e até mesmo contato visual, entre outras pistas, com a finalidade de identificar se as pessoas com quem interagem são policiais disfarçados.

Podemos identificar alguns comportamentos não verbais importantes e seus significados dentro deste cenário, por óbvio devendo-se sempre considerar as peculiaridades de cada situação.

Com relação ao controle por exemplo, um profissional dessa área pode estar sob controle da comunicação e até mesmo controlar o comportamento de um suspeito quando toca em seu braço, comunicando-o que que deseja falar seguida ou que o suspeito será interrompido em sua fala. No tocante a postura corporal, o profissional que se inclina para trás do suspeito com quem se comunica emite a informação de que é cético e incrédulo àquilo que ele está comunicando. Já aquele que se inclina para frente, projetando sua cabeça na direção daquele com quem se comunica, está emitindo sinal de atenção e compreensão.

É evidente a importância dos gestos, que por sua vez tem o papel de reforçar aquilo que é comunicado verbalmente. No que concerne ao contato visual, além de representar domínio com relação ao suspeito, no caso do suspeito com relação ao profissional, a falta desse contato pode indicar mentira, desinteresse e impaciência. Entretanto, aqui há que se fazer uma observação de que a cultura dos envolvidos é um fator a ser considerado ao que diz respeito ao contato visual.

No que se refere ao espaço, que se traduz na distância entre o profissional e o suspeito, como já exposto, tem grande relevância na comunicação. Quanto maior a proximidade maior a intimidade do encontro. E é o profissional que deve ter a sabedoria para identificar

se a distância está próxima demais ou muito distante. No caso de uma vítima ou suspeito que se movam para frente, o mais seguro a se fazer é que o profissional se mantenha parado até que o indivíduo se posicione no local que considera adequado e confortável com relação a ele.

Um apontamento importante se dá quanto as mensagens que em determinadas situações podem ser desconcordantes entre si. Casos por exemplo em que o suspeito pode falar a verdade, mas não mantém contato visual com o profissional, a mensagem enviada será mista, de forma que quando isso ocorre o comportamento não verbal sempre será o mais confiável.

Muitas vezes, em razão dessa discordância somada a falta de conhecimento e experiência no âmbito da linguagem não verbal a mensagem pode ser interpretada de maneira errada gerando confronto que, não raro, resultam em mortes. Frequentemente nos deparamos com notícias de confrontos entre policiais e suspeitos, suspeitos que muitas vezes na realidade são apenas cidadãos comuns, que em decorrência de uma ação ou reação não verbal mal interpretada são identificados como possíveis criminosos e são alvejados por policiais. Assim como criminosos reagem a policiais que emitem mensagens não verbais interpretados por eles como um sinal de que devem reagir.

O cuidado se dá com a atenção com que deve ser observada cada situação, em razão de fatores como diversidade cultural, ambiente social, costumes, e particularidades de cada caso. Em alguns lugares a proximidade física é vista como bem-vinda, como sinal de simpatia, amizade, enquanto em outros é considerada como invasão de espaço pessoal o que faz com que o indivíduo se sinta desconfortável. No entanto, a proximidade adequada e uma postura relaxada se mostram efetivas quando se trata de uma abordagem bem-sucedida, além de que, apesar das diferenças culturais as expressões faciais para determinadas emoções, como demonstrado, são universais.

Com isso conclui-se que, em razão desses profissionais estarem expostos diariamente a situações de risco, a sua segurança, seja ele um policial, delegado, ou operador do Direito como um todo, se baseia em sua aptidão em além estabelecer autoridade em relação aquele que é objeto da abordagem, principalmente em sua capacidade de decodificar sinais não verbais quando em confronto com suspeitos/criminosos. De forma que, o profissional que decodifica mal esses sinais enviados pelo suspeito/criminoso, sejam eles deliberados

ou não, e reage a eles de forma inapropriada, coloca sua vida e de outras pessoas em perigo.

Portanto não resta dúvidas de que, é necessário que os operadores do Direito como um todo, principalmente policiais e delegados, estejam aptos e sempre alertas para decodificar os sinais não verbais ao lidar com outros indivíduos, pois apesar de ser este um estudo constante e não exaustivo, ele se mostra extremamente eficiente e contributivo quando concluímos que aquilo que não é dito é que o comunica muito mais.

4. APLICAÇÃO PRÁTICA DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM CORPORAL

Com relação a aplicabilidade prática e casos concretos acerca da linguagem corporal, observa-se que no contexto jurídico brasileiro esse estudo possui pouco prestígio e aplicabilidade por parte dos operadores do Direito, e isso se dá em razão da supervalorização da comunicação verbal. São poucos os casos concretos em que a linguagem não verbal se revelou determinante em nosso contexto, no entanto, em outros países esse estudo já é amplamente aplicado.

No Brasil, em Minas Gerais, o juiz da 6ª Vara do Trabalho de Porto Alegre, Max Carrion Brueckner descartou o depoimento de uma testemunha em razão de análise de sua linguagem corporal que não era consoante com aquilo que ela emitia verbalmente, decisão que por fim culminou pela improcedência do pedido de danos morais referente à ação trabalhista proposta:

“Prova testemunhal. Imprestabilidade. Relevância da análise do juiz que colheu os depoimentos. Importância da linguagem não-verbal, cujo registro em ata não é possível. Atitude corporal que muitas vezes não corresponde à informação verbalizada. Emprego de técnicas atuais na coleta de prova oral. Jurisprudência quanto à consideração das observações do juiz de primeiro grau. Testemunha que revela ausência de comprometimento com a verdade. Intenção demonstrada de defender os interesses da autora. Cometimento de exageros e menção a aspectos sequer citados pela reclamante. Retificação de depoimento após questionamentos do advogado, em visível indução. (Exmo. Juiz Max Carrion Brueckner. 6ª Vara do Trabalho de Porto Alegre. Processo n. 002132237.2014.5.04.0006. Publicação em 10-11-2015)”

O depoimento da testemunha foi descartado pelo fato de que de acordo com o magistrado, a observação e análise da comunicação não verbal e do comportamento das testemunhas se referem a valoração das provas e que, portanto, devem ser consideradas afim de que se obtenha justo julgamento.

Essa decisão não se baseou em palpites do próprio magistrado, mas em decorrência de sua experiência em razão de cursos preparatórios ministrados na escola judicial daquele TRT por um agente da polícia federal acerca de técnicas para coleta de provas orais.

Indeferiu a prova embasado no Código de Processo Civil, de acordo com lei que diz ser a apreciação das provas livre desde que fundamentados os motivos que o convenceram a tomar a decisão, de tal forma que não há impedimento para que sejam levados em consideração aspectos da comunicação não verbal.

O mesmo entendimento já teria sido adotado por outros tribunais, levando-se em conta as observações dos magistrados acerca desse tema com a finalidade de afastar a credibilidade de testemunhas, é o que releva a ementa:

Prova testemunhal. Valoração. Ninguém melhor que o Juiz que colheu a prova testemunhal para aferir seu valor. Afinal, ele é que manteve o contato vivo, direto e pessoal com o depoente, mediu-lhe as reações, a (in)segurança, a (in)sinceridade, a postura. Aspectos, aliás, que não se exprimem, que a comunicação escrita, dados os seus acanhados limites, nem sempre permite traduzir. O Juiz que colhe o depoimento é, por assim dizer, a testemunha da prova. Por isso, o convencimento extraído pelo Juiz que colheu a prova deve sempre ser prestigiado, salvo quando houver elementos muito contundentes a revelar desvio de valoração. (TRT 2ª Região, Processo 00379-2006-492-0200-1, Relator Desembargador Eduardo de Azevedo Silva, Data: 24/04/2007)

Dessa forma, conclui-se que é de grande importância a contribuição da linguagem não verbal quanto a averiguação da veracidade no discurso das testemunhas, e isso não só no âmbito trabalhista, como também no civil e penal.

Em 2007, a Neuropol, Grupo de Estudos de Neurociência na Atividade Policial do Estado de São Paulo formado por uma equipe multidisciplinar de delegados e especialistas em diversas áreas, iniciou os estudos acerca da neurociência nesse ramo com a finalidade de entender as atividades cerebrais, entre elas as emoções. Isso tudo em razão de que, como mencionado, através do conhecimento da linguagem corporal, expressões faciais, etc., mais preparado estará o policial para realizar uma abordagem ou blitz, podendo prever reações e diante disso adotando melhor comportamento diante das situações podendo evitar situações de perigo. (DA AGÊNCIA IMPRENSA OFICIAL, 2011)

Entretanto, como mencionado, esse tipo de comunicação não é privilegiado no contexto jurídico brasileiro e por isso tal estudo e aplicação não é tão difundido e divulgado.

Já em âmbito internacional, o FSI (foreign Service Institute), principal instituição de treinamento do governo federal dos Estados Unidos que tem por objetivo treinar funcionários representantes de relações exteriores, de forma a preparar diplomatas

americanos para representar os interesses do país no exterior, utiliza o treinamento promovido por Paul Ekman, baseado no FACS. O treinamento se baseia na análise de estrangeiros para concessão de vistos, afim de se obter informações acerca das intenções daqueles que queriam entrar no país, inclusive para identificar pessoas cujo interesse era o de transportar drogas ou até mesmo praticar terrorismo.

Outra função do treinamento é a de observação com relação aos próprios cidadãos norte-americanos quando vão até um consulado ou embaixada afim de renovar passaportes, obter informações, etc., em razão disso obtiveram êxito em determinadas situações ao que relata Ekman:

“Por exemplo, um dos funcionários do serviço de estrangeiros que capacitamos observou que, em uma entrevista com um norte-americano, no exterior, "a face do requerente do passaporte deteve-se, por uma fração de segundo, em uma clássica microexpressão de aversão, quando questionado sobre sua cidade natal. Foi o suficiente para despertar a suspeita do vice-cônsul, que investigou mais e descobriu que o verdadeiro dono da identidade usada pelo requerente está detido em uma prisão da Flórida. O próprio requerente era um cidadão norte-americano procurado por roubo e estupro em outro estado. Ele estava fugindo há muitos anos e tinha obtido um passaporte, anteriormente com a identidade falsa. A polícia holandesa o prendeu”

Outra questão, se trata da segurança em aeroportos com relação a verificação de passagens, bagagens, etc. Um programa foi desenvolvido pela *Transportation Security Administration* (TSA), que é uma agência criada pelo departamento de segurança interna dos Estados Unidos, responsável pela segurança das pessoas que viajam no país, desenvolvido em resposta ao ataque terrorista de 11 de setembro. Esse programa utiliza o treinamento baseado no FACS, possuindo capacidade de avaliação da veracidade através do que se é chamado SPOT (*Screening Passenger by Observational Techniques*), que significa “Exame de Passageiros por Técnicas de Observação. ”

Os profissionais responsáveis por esse exame, tem como função observar os passageiros e tentar identificar se há pessoas suspeitas, com comportamento diferente das demais. A observação se dá com relação as microexpressões ou outro comportamento que esteja relacionado a uma lista de verificação que, se caso exista sinais suspeitos, o profissional responsável fará algumas perguntas enquanto a pessoa espera na fila.

Em diversos casos, esses sinais e microexpressões não significam nada de errado com o passageiro, mas apenas uma conduta inocente, uma inquietação, aversão, ou outro estado relacionado a algo pessoal daquele que é objeto da observação. Mas em outros casos os passageiros passam por outras entrevistas e chega-se à descoberta de que são criminosos foragidos e procurados pela polícia, terroristas, imigrantes ilegais, etc. Um programa equivalente a esse também fora instaurado em aeroportos britânicos (EKMAN,2011)

Esses são alguns reflexos do estudo da linguagem corporal, um estudo que não se exaure, um tema que é constantemente estudado e sempre atento a novas pesquisas, mas que, observadas determinadas precauções, se mostra extremamente útil ao contexto jurídico merecendo maior destaque em nosso país.

Em um sistema sobrecarregado em razão da quantidade de demandas, dispor de mais um instrumento que pode auxiliar as questões processuais e até mesmo pré processuais nunca seria demais. Além de que, em um mundo atual em que a comunicação tem sido deixada de lado, voltar a compreendê-la significa melhora e progresso nas relações, principalmente profissionais dentro do contexto jurídico contribuindo, ainda que indiretamente, a uma melhora das questões sociais dentro de nossa sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos abordar o tema da comunicação não verbal, mais precisamente da linguagem corporal, ou cinésica, que através das expressões faciais e corporais em razão de nossas emoções tem muito a nos revelar e contribuir no contexto jurídico brasileiro.

Apesar de ser este um tema pouco difundido e não muito explorado e utilizado em nosso país, o estudo da linguagem corporal, e de como as emoções se expressam em nosso corpo, principalmente em nossa face através das microexpressões, como demonstrado, se mostra de extrema importância já que, observados os devidos cuidados, ele pode nos dizer aquilo que na maioria das vezes a fala não nos diz.

Mesmo diante de uma nova cultura que vem sendo gerada, que preza pela conciliação e não pelo confronto e incentivo a lide, a demanda de processos que assolam nosso judiciário ainda é enorme. Também é importante ressaltar o fato de nosso país possuir alta taxa de criminalidade, de forma que diariamente crimes são praticados e precisam ser solucionados.

Sendo assim, acredita-se que todo instrumento eficiente capaz de contribuir para o Estado o ajudando a solucionar tais problemas é sempre bem-vindo.

Sabe-se que a comunicação é a base de qualquer relação social, pois somos seres naturalmente comunicativos, somos seres sociais. Através dela expressamos nossas vontades, o que somos e o que sentimos.

Atualmente, a comunicação tem perdido sua atenção em razão das mídias sociais, comunicação em massa, o bombardeio de informações que recebemos todos os dias. E com isso, a comunicação não verbal, muitas vezes silenciosa acaba sendo deixada de lado, desprestigiada com a supervalorização da comunicação verbal.

Através desse trabalho, pode-se perceber que muito mais do que complementar a comunicação verbal, a comunicação não verbal na maior parte vezes tem por função nos dizer aquilo que verbalmente não dissemos. Isso porque através da linguagem verbal escolhemos o que desejamos transmitir, enquanto o não verbal fala por si só, expressando aquilo que estamos ocultando.

Nossas emoções, quando expressadas através de nossa face, pode nos revelar que algo está sendo ocultado, e dessa forma com uma análise das microexpressões podemos detectar uma mentira, o que conclui-se ser de grande auxílio ao contexto jurídico quando se observa o valor com relação a oitiva de testemunhas, réus, vítimas, interrogatório como um todo, assim como uma audiência que tem por essência a comunicação. Valendo ainda mencionar que atualmente nosso judiciário já dispõem de mecanismo como gravação de vídeo e áudio em audiências o que já pode ser considerado um primeiro passo para que se inclua esse tipo de análise em nosso sistema.

Além disso, conhecimento e experiência acerca da linguagem corporal permitem que os operadores do Direito, como policiais, delegados, entre outros, garantam sua segurança e a segurança dos cidadãos já que quando munidos desse conhecimento conseguem compreender e antever reações daqueles que abordam estando assim bem preparados para lidar com as perigosas situações diárias a que são expostos.

Como referido, a temática da linguagem corporal é pouco abordada em nosso país, no entanto, no exterior diversas tem sido as aplicações desse estudo, principalmente no contexto jurídico.

Conclui-se, portanto, que quando aprofundado e observados os cuidados e peculiaridades de cada situação, esse estudo se mostra de extrema contribuição ao nosso contexto jurídico além de nos aperfeiçoar como comunicadores, aprimorando não só nossas relações profissionais como também nossas relações pessoais.

6. REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O Que É A Comunicação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

CÉSPEDES, Livia; ROCHA, Fabiana Dias da. **Vade Mecum Saraiva**. 26ª ed. São Paulo: Editora Saraiva Educação, 2018.

DA AGÊNCIA IMPRENSA OFICIAL. **Acadepol ensina a policial recursos neurocientíficos para investigação criminal**. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/acadepol-ensina-a-policial-recursos-neurocientificos-para-investigacao-criminal/>> Acesso em 20 de abr 2019.

EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções: revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor**. São Paulo: Editora Lua de Papel, 2011.

GANHÃO, Mafalda. **O rosto nunca mente**. Disponível em: <<https://expresso.pt/sociedade/o-rosto-nunca-mente=f885166#gs.s2CTW1k>> Acesso 15 de abr 2019.

MIRABETE, Julio Fabbrini. **Manual de direito penal**. 25ª ed., rev. e atual. São Paulo: editora Atlas, 2007.

OTU, Noel. **Decoding nonverbal communication in law enforcement**. Artigo publicado em "Salus Jornal", 2015.

PEASE, Alan; PEASE, Barbara. **Desvendando os mistérios da linguagem corporal**. 1ªed. São Paulo. Editora Sextante, 2005.

REVISTA ELETRÔNICA DO TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 4ª REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL. **Decisões de 1º grau**. Disponível em: <<https://www.trt4.jus.br/RevistaEletronicaPortlet/servlet/download/186edicao.pdf>> Acesso em 5 de jun 2019.

SILVA, Maria Júlia Paes da. **Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais de saúde**. 6ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2008.

WATZLAWICK, Paul; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação**. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: A linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. 69ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.